

A contraposição epistemológica do jornalismo independente e alternativo: uma observação dos veículos *Plural* e *Jornalistas Livres*¹

Paulo Henrique SEMICEK²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Variadas definições tratam de um jornalismo contra-hegemônico, de nova postura editorial, mas com o desafio de se consolidar editorial e profissionalmente. Logo, o objetivo do artigo é mapear características compartilhadas dos conceitos de jornalismo independente e alternativo em diferentes projetos jornalísticos, com metodologias bibliográfica e exploratória para observação dos conceitos e dos veículos *Plural* e *Jornalistas Livres*. Com objetivos secundários que buscam identificação de conexões socioeconômicas dos projetos e a compreensão das nomenclaturas como contrapontos políticos, o estudo traz contribuições para a reflexão desta práxis como base discursiva e epistemológica.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo alternativo; jornalismo independente; jornalismo de contraponto; comunicação política; contra-hegemonia.

INTRODUÇÃO

A existência de uma imprensa que contrapõe, rebate ou mostra “o outro lado” da sociedade não é algo novo e, no contexto histórico brasileiro, há uma trajetória de atores com tal iniciativa. No entanto, diferentes nomenclaturas buscaram e buscam classificar este tipo de jornalismo: independente (Reis, 2017) e alternativo (Oliveira, 2009) são apenas algumas entre tantas outras possibilidades. Em todos, porém, se nota um denominador comum: o reconhecimento de uma prática jornalística insatisfatória ou incompleta, à qual urge a necessidade de um trabalho de reconfiguração.

Torna-se inevitável refletir, desta forma, sobre a potencialidade destes termos e como eles concretizam um jornalismo que carrega contrapontos em termos editoriais, profissionais, políticos e econômicos. Há, portanto, uma pergunta latente: o que estes

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências de Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista pelo Programa de Excelência Acadêmica (PROEX) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Participante do grupo de pesquisa LIC – Laboratório de Investigação do Cibercontencimento do Programa de Pós-Graduação em Ciências de Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná, e-mail: paulohsemicek@gmail.com.

termos sintetizam desta prática jornalística e como estas diferentes nomenclaturas podem fazer parte de uma mesma base discursiva, estabelecendo assim uma crítica e propondo novas práticas?

Desta forma, o objetivo geral do artigo é mapear características compartilhadas dos conceitos de jornalismo independente e alternativo em diferentes projetos jornalísticos que se reconhecem neste contexto. Por meio de pesquisa bibliográfica dos conceitos e observação exploratória das iniciativas *Plural*³ e *Jornalistas Livres*⁴, o estudo possui ainda os objetivos secundários de: 1) identificar conexões políticas, socioeconômicas e culturais entre os projetos e 2) compreender como os conceitos se alinham como contrapontos a práticas dominantes de meios de comunicação tradicionais.

O desenvolvimento do artigo se justifica pela importância de arcabouço conceitual mais bem definido sobre quais as características deste movimento de contraponto, especialmente porque diferentes nomenclaturas implicam em diferentes caracterizações desta ruptura epistemológica com lógicas dominantes. Em um aspecto mais social, o estudo também se propõe como contribuição para que comunicadores inseridos neste contexto exerçam uma reflexão sobre suas práticas.

Como metodologia, propõe-se aqui uma combinação de pesquisa bibliográfica (De Sousa et al., 2021) e pesquisa exploratória (Bonin, 2008). A primeira busca investigar, em um campo teórico, diferentes conceitualizações deste movimento jornalístico de ruptura e como o campo da comunicação observa a amplitude de definições. Em seguida, uma observação exploratória propõe, por meio da aproximação empírica com dois projetos jornalísticos inseridos dentro desta lógica de ruptura, identificar diferenças, mas também similaridades entre movimentos independentes e alternativos no contexto do jornalismo brasileiro atual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ideia de uma prática jornalística, seja ela hegemônica ou não, passa pelo exercício que o jornalista faz diante dos acontecimentos. Logo, por mais que as subjetividades e inclinações políticas se manifestem no trabalho que faz um profissional, há um fato ali que permitem variadas ações discursivas e interpretações, que ganharão corpo conforme o desenvolvimento do texto jornalístico. Há, desta forma, sempre uma

³ <https://www.plural.jor.br/>.

⁴ <https://jornalistaslivres.org/>.

tentativa do jornalismo de validar as suas críticas por meio de um discurso presente na prática diante do fato (Teixeira; Cláudio, 2020).

Quanto à ideia de uma prática que ressignifique uma dinâmica desgastada da imprensa tradicional, esta validação é uma forma de trazer olhares e vozes que não são contemplados por grandes grupos de comunicação (Rocha; Dancosky, 2018). Aqui, há ainda o reconhecimento de que o jornalismo ocupa o seu lugar na ágora que é o espaço digital atual (Caballero, 2021), mesmo que de forma distinta aos tempos analógicos. Assim, cabe a reflexão de como meios de comunicação historicamente hegemônicos (Dias, 2020) se movimentam discursiva e politicamente para, existindo discordâncias em seus trabalhos, que possam se manifestar atores sociais críticos, que estabeleçam contrapontos.

O desafio deste jornalismo de contraponto não se resume, porém, a uma oposição editorial; o universo digital da atualidade, regido pela dominância das plataformas digitais (Van Dijck, 2020), é um elemento fundamental para as dinâmicas de publicação de conteúdo, assim na própria dinâmica junto ao público. “Na vida digital, todos se tornam empreendedores de si mesmos enquanto são a mercadoria a ser comercializada (...) A cultura do capital ganha hegemonia nas infovias das redes digitais (De Souza, 2024, p.7)”.

Logo, uma primeira nomenclatura, relativamente comum, que entra em debate é a do jornalismo independente. Entre as suas mais variadas definições, destaca um deslocamento diante da comunicação hegemônica e sua contribuição para a midiatização da esfera pública, manifestando uma participação política que faz parte de um sistema dominante (Reis, 2017). A independência reivindica opera, portanto, em reconhecer um sistema de submissões e articulações políticas e econômicas, estabelecendo então uma oposição, algo que Costa de Oliveira et al. (2023) identificam como consensual em diferentes projetos latino-americanos. “Essa inexistência de vínculo com os grupos de poder, sejam eles políticos ou econômicos, foi apontado como o aspecto chave para o jornalismo independente pelos entrevistados dos diferentes países (Costa de Oliveira et al., 2023, p.127)”.

Naturalmente, a definição do que é efetivamente um jornalismo independente passa pela problematização mais ampla, que suscita questões como a sustentação financeira de um veículo desta característica (Patrício, 2022) e também a defesa que estes projetos fazem em termos de política, como a dinâmica centro e periferia, por exemplo (Patrício; Batista, 2020). Logo, cabe observar a extensão do que estes projetos

jornalísticos consideram independência e como ela constitui de um ponto de vista epistemológico (Horn, 2022).

Na mesma problemática da independência, a ideia de um jornalismo alternativo também carrega seu próprio cabedal de definições. Como uma revisão teórica mais profunda pode identificar, a noção de alternatividade implica em oferecer ao público um reequilíbrio do debate público e uma abertura democrática de espaços midiáticos (Oliveira, 2009).

O jornalismo alternativo, desta forma, se sustenta entre a manutenção de um profissionalismo e a reconfiguração do modelo tradicional hegemônico, mais além do aspecto político e buscando uma viabilização de um novo jornalismo como organização (Da Rosa; Bronosky, 2017). Fazer diferente, neste caso, é pensar um projeto jornalístico que envolva novas possibilidades de organização e configuração para além do tradicional “As motivações para tanto possivelmente vem do interesse social presente nos cidadãos e nas organizações civis em interferir nos sistemas geradores e mantenedores de desigualdade (Krohling Peruzzo, 2008, p.378)”.

O artigo opta ainda por trazer, para além dos conceitos de independência e alternatividade, uma noção de contra-hegemonia que reforça a ideia de contraponto diante de uma prática jornalística dominante, o que se demonstra comum a ambos. A similaridade em relação às nomenclaturas anteriores reside na premissa de que há uma assimetria comunicacional, em que “uma parte ínfima da sociedade é proprietária dos veículos, enquanto a coletividade é apenas destinatária (...) (De Moraes, 2010, p.72)”.

A perspectiva contra-hegemônica permite a esta ampla prática jornalística se ver como efetivamente um meio de oposição aos grupos tradicionais, pois assim o debate público se torna estável (De Góes, 2007). Além deste ponto, um veículo assumir que produz conteúdos com tal premissa implica em estabelecer uma crítica à práxis jornalística em geral, fortalecendo ao mesmo tempo um debate político e um debate profissional (Krohling Peruzzo, 2008).

CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISA

A aplicação dos processos metodológicos traz contribuições para a observação desta gama de práticas jornalísticas independentes, alternativas ou mesmo de outras nomenclaturas que, como a etapa de fundamentação teórica direciona, propõem repensar o jornalismo como elemento no debate público. Logo, tanto a pesquisa bibliográfica, de

ordem teórica, quanto a etapa exploratória, predominantemente empírica, apontam para uma práxis de contraponto em que dois movimentos se complementam: a independência com a qual os veículos observados recusam pensar hegemonicamente e a alternatividade que os direciona para o exercício de uma pluralidade que não encontra eco em grandes grupos de comunicação.

Desta forma, os dois veículos observados demonstram esta similaridade; enquanto o *Plural* delimita uma territorialidade para demonstrar uma reconfiguração da cobertura jornalística política e econômica do Paraná, os *Jornalistas Livres* recorrem a um tom crítico mais aberto e generalizado em relação à cobertura da imprensa tradicional.

Com amplitudes de cobertura diferentes, ambos os projetos precisam lidar com as contradições e dificuldades de se opor à práxis tradicional; a estrutura organizativa e econômica é um fator relevante que necessita de discussões mais amplas dentro do campo. Independência ou alternatividade, desta forma, operam em uma mesma zona epistemológica: a reconfiguração do jornalismo profissional, ao qual cabe um resgate político-editorial para que possa ser “livre”, “plural” ou que se reconheça como ator político em um debate público.

Em termos de contribuição de pesquisa, o que este artigo busca propor é a continuidade do debate sobre este jornalismo de contraponto, promovendo uma melhor clareza da extensão de termos como “independência” e “alternatividade” nas práticas jornalísticas. Mais além, o estudo reconhece as limitações de investigação e se entende como possibilidade de seguir com a reflexão geral sobre este movimento discursivo que se reivindica plural, livre ou portador de novas formas de se pensar o fazer jornalístico.

REFERÊNCIAS

BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, v. 15, n. 37, p. 121-127, 2008.

CABALLERO, Francisco Sierra. El retorno a Atenas. Lecciones de democracia participativa en la era digital. In: **Ciberactivismo y nuevos movimientos urbanos: La producción de la nueva ciudadanía digital**. ACCI (Asociación Cultural y Científica Iberoamericana), 2021. p. 315-340.

COSTA DE OLIVEIRA, Vanessa; TREVISAN FELIPPI, Ângela Cristina. Jornalismo independente latino-americano: a configuração de uma forma cultural. **Chasqui (13901079)**, n. 154, 2023.

DA ROSA, Guilherme Carvalho; BRONOSKY, Marcelo. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral**, v. 4, n. 1, p. 21-29, 2017.

DE GÓES, Laércio Torres. **Contra-hegemonia e internet: Gramsci e a mídia alternativa dos movimentos sociais na web**. 2007.

DE MORAES, Dênis. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, v. 4, n. 1, p. 54, 2010.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

DE SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues. Plataformas digitais e jornalismo subjetivista: tendências irracionistas. **Esferas**, n. 29, 2024.

DIAS, André Bonsanto. Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia–Folha de S. Paulo e O Globo, 1964-2014. **Opinião Pública**, v. 25, p. 472-494, 2020.

HORN, Aline Tainá Amaral. O perfil editorial do jornalismo independente no Brasil e na França. **Revista FAMECOS**, v. 29, n. 1, p. e41612-e41612, 2022.

KROHLING PERUZZO, Cicilia M. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. **Palavra clave**, v. 11, n. 2, p. 367-379, 2008.

OLIVEIRA, Dennis. Jornalismo alternativo, o utopismo iconoclasta. **Anais VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2009.

PATRÍCIO, Edgard. Territorialidade, financiamento e jornalismo independente no Nordeste do Brasil. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 19, n. 2, 2022.

PATRÍCIO, Edgard; BATISTA, Raphaele. Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. **Revista Extraprensa**, v. 13, n. 2, p. 217-231, 2020.

REIS, Mariana. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Vozes e Diálogo**, v. 16, n. 01, 2017.

ROCHA, Paula Melani; DANCOSKY, Andressa Kikuti. A diversidade de representações da mulher na cauda longa do jornalismo independente sobre gênero. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 139, p. 389-408, 2018.

TEIXEIRA, Engelke Menezes; CLAUDIO, Antonio. Grassroots media activism and the counter-hegemonic narrative of politics. **ephemera: theory & politics in organization**, v. 20, n. 1, 2020.

VAN DIJCK, José. Seeing the forest for the trees: Visualizing platformization and its governance. **New Media & Society**. Online First, 2020.